ISSN: 2358-8829

UMA PRÁTICA EXITOSA DE ORIENTAÇÃO PARENTAL E EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Raysa Albuquerque Ferreira [1]
Andreza Nadja Freitas Serafim [2]
Joice dos Santos Alves [3]

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade trouxe profundas reconfigurações nas dinâmicas familiares e pedagógicas. O avanço acelerado dos dispositivos tecnológicos móveis e a cultura da hiperconectividade geraram um cenário desafiador para pais e educadores na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Embora a tecnologia ofereça facilidades de comunicação e entretenimento, seu uso desregrado tem ocupado o espaço do contato interpessoal direto, fragmentando as interações no ambiente doméstico.

Esta experiência nasceu de uma demanda concreta apresentada pela equipe de gestão e coordenação pedagógica de uma instituição escolar. Os educadores identificaram um padrão recorrente: pais sobrecarregados pela jornada profissional que, na tentativa de gerenciar a rotina e conter o estresse, recorriam precocemente às telas como reguladores externos do comportamento infantil. Como consequência, observaram-se queixas sobre distanciamento afetivo, dificuldades na imposição de limites, atitudes de oposição e episódios frequentes de desregulação emocional nas crianças.

Diante desse diagnóstico, a escola contratou uma psicóloga externa para realizar uma intervenção focada não na culpabilização dos cuidadores, mas no acolhimento e no

[1] Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Psicologia Organizacional e do Trabalho da Universidade Potiguar- UNP, raysalbuquerque.ra@gmail.com; Docente no Centro Universitário FAVENI;
[2] Mestra em Gestão nas organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andrezaoliv89@gmail.com , Docente no Centro Universitário FAVENI;
[3] Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joicealvesgba@gmail.com ; Docente no Centro Universitário FAVENI;

ISSN: 2358-8829

fortalecimento do campo familiar. O intuito foi criar um espaço vivencial no qual mães e pais pudessem refletir sobre o papel da autoridade amorosa, redescobrindo caminhos para construir vínculos significativos ancorados no olhar atento e na presença autêntica.

O objetivo geral do trabalho foi instrumentalizar as famílias para o estabelecimento de limites saudáveis, a regulação do uso de telas e o fortalecimento de vínculos afetivos autênticos em meio ao avanço das redes sociais, buscando desconstruir automatismos na comunicação diária para promover empatia e proximidade. Como objetivos específicos, buscou-se promover a tomada de consciência (*awareness*) dos pais sobre seus próprios padrões de contato, distanciamento e uso do celular, além de capacitá-los a diferenciar a validação das emoções (como o acolhimento da raiva e da frustração da criança durante o desmame digital) da imposição firme de limites a comportamentos inadequados.

METODOLOGIA

Diante das queixas recorrentes sobre o uso excessivo de telas ao longo do dia, birras frequentes e o sentimento de culpa de pais que se percebem sobrecarregados, esta prática buscou possibilitar que os cuidadores compreendessem o que a criança tenta comunicar ou equilibrar por meio do comportamento. Em vez de focar apenas no sintoma (o comportamento inconveniente), mudou-se a perspectiva para focar na raiz do problema, observando a família como um ecossistema vivo e integrado. Assim, evitou-se o julgamento moral e ofereceu-se uma nova abordagem para enfrentar os desafios diários da convivência.

Para isso, foram utilizados experimentos como dinâmicas de dramatização e inversão de papéis, permitindo aos pais vivenciarem corporalmente a perspectiva da criança quando invisibilizada pelo uso constante das telas.

A intervenção vivencial foi estruturada em três momentos encadeados, fundamentados na fenomenologia e na teoria de campo da Gestalt-terapia: 1) O Contato Inicial (mapeamento do campo e aquecimento corporal); 2) A Vivência/Experimentos (inversão de papéis e experimentação ativa das dores relacionais); e 3) A Assimilação (fechamento e instrumentalização de novas posturas comunicativas).

ISSN: 2358-8829

A metodologia combinou os princípios da pesquisa-ação com o formato de oficina vivencial. Os experimentos gestálticos de campo visaram favorecer a assimilação corporal e afetiva dos conceitos abordados.

Os pais foram convidados previamente pela direção da escola para o encontro realizado no período noturno, favorecendo a adesão daqueles que trabalham em horário comercial. Professores, membros da coordenação e a direção também estiveram presentes, fortalecendo a integração entre a comunidade escolar e a família. Durante a oficina, utilizou-se a projeção de slides para introduzir os conceitos teóricos, que eram imediatamente ilustrados e colocados em prática por meio das dinâmicas vivenciais.

Para demonstrar de forma concreta que a família não é um agrupamento de indivíduos isolados, mas sim um ecossistema interconectado — no qual a alteração de um elemento mobiliza todo o sistema em busca de autorregulação —, realizou-se a dinâmica da "Teia de Lã". Um novelo de lã foi utilizado para conectar fisicamente os participantes, evidenciando a rede de interdependência do grupo. A atividade seguiu o seguinte roteiro: 1) formação de pequenos grupos de 3 a 4 pessoas (simulando o núcleo familiar); 2) preensão das pontas do barbante mantendo-o tensionado ao centro; e 3) solicitação para que um voluntário (representando a criança ou uma demanda externa) puxasse levemente sua ponta do fio.

A partir da movimentação na teia, propôs-se uma reflexão sobre como a alteração na tensão repercutia nas mãos dos demais participantes, demonstrando a impossibilidade de mover-se sem afetar o todo. Os presentes constataram que a resistência ou a frouxidão do fio refletia a qualidade da presença de cada membro na rede familiar e escolar. O experimento tornou tangível o conceito gestáltico de "campo", ao ilustrar que movimentações e interferências no cotidiano — como o toque de notificações ou o uso prolongado do celular — tencionam toda a estrutura relacional, tornando visível a fragilização dos vínculos no contexto digital.

A segunda prática, intitulada "O Desafio do Espelho", encontrou uma resistência inicial de participação por parte dos pais. Diante disso, adaptou-se o exercício: duas professoras encenaram o papel de mães, enquanto duas mães voluntárias representaram as filhas. Ao som de músicas infantis da década de 1990 (como as do programa "Xou da Xuxa"), buscou-se conectar as participantes com suas memórias de infância. Ao serem questionadas sobre a idade que sentiam ter naquele momento, as voluntárias responderam 9 e 4 anos, respectivamente. Em seguida, disponibilizaram-se folhas de

ISSN: 2358-8829

papel ofício e lápis de cor, estipulando-se o tempo de quinze minutos para a elaboração de um desenho. Orientaram-se as professoras (no papel das mães) a subirem em cadeiras para simular a assimetria de altura e a postura de autoridade, mantendo-se atentas aos seus celulares e demonstrando desinteresse quando as "filhas" fossem apresentar suas produções artisticas.

A cena desenrolou-se em dois cenários: no primeiro, a "Filha 1" aproximou-se entusiasmada dizendo "Olha o que eu fiz!", sendo ignorada pela "Mãe 1", que alegou ocupação ao celular. Diante da insistência da criança, a mãe olhou rapidamente para a folha, fez um elogio genérico e retornou à tela, deixando a criança chateada. No segundo cenário, a "Mãe 2" inicialmente ignorou a "Filha 2", mas, perante a persistência desta, pausou o uso do aparelho, fez contato visual e descreveu com interesse detalhes do desenho, deixando a criança alegre e acolhida. Ao final da encenação, as quatro participantes compartilharam suas impressões: as mães voluntárias relataram o resgate de sentimentos de tristeza vivenciados em suas próprias infâncias ao serem ignoradas, enquanto as professoras destacaram a tomada de consciência sobre o impacto da desatenção, correlacionando-a com a sobrecarga feminina, a dupla jornada de trabalho e a culpa materna no cotidiano contemporâneo.

A troca de lugares físicos e fenomenológicos — evidenciada quando o adulto sobe na cadeira para assumir a postura de autoridade — permitiu desinstalar padrões rígidos de interação. A experiência colocou em contraste o elogio automático e vazio ("Que lindo!", proferido sem olhar atento) e a confirmação autêntica ("Que interessante! Vejo que você usou bastante a cor vermelha e parece muito orgulhoso do que fez"). Ao experimentar a figura do adulto inacessível na "cadeira alta", vivenciou-se a vulnerabilidade da criança diante da indisponibilidade emocional e das barreiras criadas pelo uso de dispositivos móveis. A dinâmica reforçou a necessidade de transformações na postura corporal e no discurso dos pais, evidenciando que a validação existencial da criança exige presença real e escuta ativa.

Esse experimento figurou como o ponto central da oficina. A despeito da hesitação inicial, o público presente manteve-se altamente atento e sensibilizado. Nos debates posteriores, os pais destacaram a relevância da experiência para reconhecerem o impacto da falta de tempo e do distanciamento afetivo no desenvolvimento dos filhos, gerando comoção generalizada ao expor a solidão infantil decorrente de interações superficiais.

ISSN: 2358-8829

Na fase de assimilação, os participantes praticaram a substituição de falas genéricas por apreciações descritivas e focadas no esforço real do filho, tais como: "Percebo que você usou bastante a cor azul e se dedicou na pintura deste desenho".

Ademais, foram apresentadas técnicas práticas de autorregulação emocional para aplicação no ambiente doméstico, como a "Respiração da Âncora" (exercício de respiração abdominal no qual a criança observa o subir e descer de um brinquedo de pelúcia posicionado sobre sua barriga ao inspirar e expirar) e o "Abraço de Urso" (em que se pressiona um urso de pelúcia ou travesseiro associado à respiração diafragmática). Essas estratégias foram indicadas tanto para o acolhimento das emoções das crianças quanto para auxiliar os pais na mediação dos momentos de transição e desligamento dos dispositivos digitais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta prática apoia-se na psicologia fenomenológico-existencial sob a perspectiva de campo da Gestalt-terapia. Conforme apontam Aguiar (2014) e Zinker (2001), a família é compreendida como uma totalidade autorregulada. Isso significa que o grupo familiar não se reduz a um mero somatório de indivíduos, mas constitui um sistema dinâmico no qual o comportamento de cada membro afeta diretamente a totalidade e é por ela afetado na busca constante por equilíbrio.

Nesse sentido, Aguiar (2014) salienta que as atitudes de cada integrante do núcleo familiar estão intrinsecamente conectadas às condutas dos demais. Sob essa ótica, quando a criança apresenta um "sintoma" — como o uso compulsivo de telas, comportamentos opositivos ou episódios de agressividade —, a clínica gestáltica investiga a função dessa manifestação no arranjo relacional. Em muitas ocasiões, o comportamento infantil surge como uma tentativa ajustada, ainda que disfuncional, de se fazer notar e reconfigurar a dinâmica do campo familiar.

Nessa direção, Fernandes (2022) destaca que a intervenção com famílias exige olhar para além dos sintomas individuais, compreendendo as redes de diálogo e as fronteiras interpessoais que sustentam a dinâmica familiar. O comportamento inadequado da criança atua frequentemente como um recurso para manter uma estabilidade sistêmica frágil, podendo refletir tensões do casal ou projeções de conflitos

da própria infância não elaborada dos pais. Por essa razão, a atuação deve incidir sobre a configuração das relações, uma vez que intervir isoladamente na criança sem considerar a autorregulação do grupo desestabiliza todo o sistema (Fernandes, 2022).

Outra configuração apontada por Zinker (2001) como prejudicial à autorregulação familiar ocorre quando a criança ocupa papéis inapropriados ou estabelece ligações simbióticas com um dos genitores, o que compromete tanto a intimidade do casal quanto o desenvolvimento da autonomia do filho.

A principal tarefa do núcleo familiar consiste em acolher e manter a coesão, ao mesmo tempo em que estimula a autonomia e o respeito à individualidade de seus membros. Zinker (2001) salienta que, idealmente, as famílias organizam-se em subsistemas com fronteiras bem definidas, nos quais os integrantes interagem com respeito mútuo, preservando a privacidade individual sem abdicar do cuidado afetivo.

Por outro lado, famílias de estrutura confluente caracterizam-se pela busca excessiva por homogeneidade e pela dificuldade em tolerar diferenças individuais. Esse contexto favorece o surgimento de crianças ansiosas e inseguras. Além disso, quando os pais se esquivam da imposição de limites — seja pela exaustão da rotina ou pela fragilidade no exercício do papel adulto —, ocorre uma quebra na hierarquia familiar, levando a criança a ocupar posições inadequadas para sua maturidade psíquica. Diante disso, o resgate da autoridade parental pela via da presença amorosa e firme consolida-se como um ato de proteção essencial ao desenvolvimento infantil.

Zinker (2001) adverte ainda que a repressão da expressão emocional no ambiente doméstico pode culminar em somatizações e manifestações ansiosas, comprometendo processos de transição e autonomia da criança, tais como a adaptação ao ambiente escolar.

Em contrapartida, sistemas com fronteiras excessivamente rígidas ou frouxas revelam falta de coesão emocional. Nesses casos, o distanciamento afetivo pode fazer com que a criança se sinta desamparada, recorrendo a comportamentos desafiadores como forma de solicitar atenção do meio.

Conforme assinala a literatura gestáltica, a família funcional realiza a tarefa paradoxal de integrar seus membros enquanto promove a diferenciação individual. De acordo com Zinker (2001) e Fernandes (2022), sistemas saudáveis mantêm fronteiras flexíveis e permeáveis, integrando objetivos comuns com o respeito à singularidade de cada pessoa.

ISSN: 2358-8829

Cabe aos adultos assegurar proteção e afeto, exercendo também o papel de balizadores necessários frente às frustrações do desenvolvimento. Na estrutura familiar funcional, estabelecem-se trocas interpessoais enriquecedoras e suporte mútuo, reconhecendo a criança em suas necessidades específicas.

Segundo Zinker (2001), os integrantes desses núcleos vivenciam o sentimento de pertencimento aliado à liberdade para explorar o mundo. As práticas de cuidado e proteção são ajustadas continuamente em conformidade com o amadurecimento dos filhos.

Em suma, o aporte teórico da Gestalt-terapia permite conceber a família como um ecossistema dinâmico, no qual o uso desmedido das tecnologias digitais impacta diretamente o equilíbrio relacional. Diante dos desafios emergentes no cenário contemporâneo, a orientação parental pautada nessa abordagem revela-se um recurso valioso para resgatar a presença autêntica, redefinir limites com sensibilidade e fortalecer os laços afetivos, promovendo o bem-estar e a autonomia na infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na oficina demonstraram um impacto positivo entre os participantes. O processamento fenomenológico dos experimentos favoreceu a desconstrução da culpa paralisante, estimulando uma postura de responsabilidade consciente perante as dinâmicas familiares.

Essa mudança de perspectiva fortalece a compreensão da família como "um sistema de relações de afeto, que se perpetua ao longo do tempo e busca assegurar aos seus membros a sobrevivência biopsicossocial." (Bianchi, 2018, p. 19 apud Fernandes, 2022, p. 17). Dessa forma, a intervenção e o suporte oferecidos no ambiente escolar mostram-se fundamentais para respaldar a estrutura familiar, permitindo que os cuidadores encontrem recursos afetivos e práticos para sustentar o desenvolvimento saudável e a proteção integral de suas crianças.

Os pais relataram que experienciar a posição da criança durante as dramatizações foi determinante para a tomada de consciência acerca do automatismo no uso do celular. Notou-se uma ampliação da clareza dos participantes quanto à importância de sustentar limites firmes e afetuosos no lar. Compreendeu-se que mediar

ISSN: 2358-8829

o acesso às telas e acolher as manifestações emocionais dos filhos reforça a segurança psíquica destes. A distinção entre o elogio superficial e a confirmação autêntica ofereceu aos cuidadores um recurso prático aplicável à rotina diária.

A experiência evidenciou que a consolidação de vínculos saudáveis não depende exclusivamente do volume de tempo disponível na rotina de pais que trabalham. A qualidade da presença — caracterizada pelo contato visual, escuta ativa e disponibilidade emocional em pequenos intervalos do dia — mostrou-se fundamental para restabelecer a harmonia nas relações cotidianas.

Em suma, a intervenção destacou que a transição de condutas automáticas para uma presença parental intencional é crucial no contexto contemporâneo. Ao estabelecerem limites equilibrados para o uso de telas, os pais exercem uma autoridade afetuosa que favorece a autorregulação infantil e a saúde emocional da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de orientação parental relatada neste trabalho reafirma a relevância da articulação entre a psicologia e a educação emocional na escola. A utilização de experimentos vivenciais embasados na Gestalt-terapia mostrou-se uma metodologia eficaz para transpor o discurso teórico, alcançando a dimensão relacional e afetiva dos participantes.

A relevância desta iniciativa reside em seu caráter preventivo e formativo, oferecendo caminhos concretos frente aos desafios da parentalidade na era digital. Diante do uso intensivo de dispositivos móveis e do consequente distanciamento no núcleo familiar, a intervenção sinalizou a importância de resgatar momentos genuínos de conexão. A sensibilidade da gestão escolar foi determinante ao reconhecer que as dificuldades comportamentais observadas em sala de aula relacionavam-se ao contexto familiar sobrecarregado, demandando ações de suporte interpessoal.

Nesse cenário, a atuação conjunta da psicologia com a equipe pedagógica revelou-se profícua. A mediação técnica proporcionou um espaço acolhedor para que os pais compartilhassem suas inquietações e revisassem suas práticas. Ademais, a metodologia adotada demonstrou viabilidade de replicação em diferentes contextos educativos devido à sua estrutura flexível e acessível. Por fim, reitera-se o papel da

educação emocional no fortalecimento dos laços familiares e no desenvolvimento integral das crianças.

Essa perspectiva encontra respaldo nas proposições de Fernandes (2022, p. 18), ao pontuar que as funções essenciais do grupo familiar consistem em fomentar o desenvolvimento singular de seus membros, assegurar a estabilidade do sistema e prover um espaço de acolhimento e pertencimento. Nesse sentido, os achados do estudo ratificam a urgência de intervenções que fortaleçam a autorregulação familiar e a presença intencional, oferecendo subsídios consistentes para a práxis pedagógica e psicológica no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática. 2. ed. Campinas: Livro Pleno, 2014.

FERNANDES, Myrian Bove (org.). A clínica gestáltica com casais e famílias: caminhos do diálogo. São Paulo: Summus, 2022.

ZINKER, Joseph. O processo criativo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2001.